

ELIANE JOSÉ
EDITORA

Filme sobre Chang é um presente a Mogi

'Da Cor e da Tinta', que disputa prêmio na Mostra de SP, retrata vida do pintor no Ocidente

CADERNO

A

Assistir ao filme *Da Cor e da Tinta: Em busca de Chang Dai-chien* (Brasil/EUA/China) gestado durante 12 anos pela cineasta sino-americana Weimin Zhang e produzido pelo jornalista mogiano Guilherme Gorgulho, e a história por detrás deste longa-metragem, levam a um conceito da serendipidade, também citado no livro *Um defeito de Cor*, da escritora Ana Maria Gonçalves, saga de Kihende, uma mulher africana e cega que viaja ao Brasil para encontrar o filho.

As duas obras - o filme, um caprichoso e luxuoso presente a Mogi das Cruzes e ao distrito de Taiaçupeba, ao Brasil, e à memória do principal pintor do século XX chinês, e o livro tratam do exílio, da saudade, e do desconhecimento sobre o estrangeiro em país alheio. Falam sobre a busca do sujeito que forçosamente deixa seu chão e povo pelo reatamento do cordão umbilical rompido entre ele e sua terra natal.

Serendipidade é uma situação inesperada e surpreendente que dá origem a outra. A ciência, a humanidade, a arte, tudo ressoa esse acaso (ou não acaso porque há de se estar preparado para prosseguir com a descoberta, diz Ana Maria Gonçalves).

Na estreia mogiana do documentário *Da Cor e da Tinta*, no Teatro Vasques lotado, na manhã de segunda última (23) e na presença de gente que conheceu, ouviu falar e/ou nunca soube da passagem do pintor Chang Dai-Chien por Mogi das Cruzes, a cineasta Weimin Zhang falou sobre a sequência dos últimos anos após caírem, em suas mãos, os filmes que estavam em um arquivo com cenas do gênio da pintura chinesa durante o tempo em que residiu Califórnia, onde ela mora e leciona cinema na Universidade de São Francisco. O mundo precisava saber daquilo, decidiu ela.

As imagens realimentaram o interesse de Weimin sobre o artista já famoso e controverso na China, até 1949, quando começa o regime comunista e ele deixa o país com a família.

Foi esse achado que deu origem ao documentário, selecionado entre os 13 melhores da Mostra Internacional de Cinema de São Paulo de 2023, que exibiu o longa-metragem. Em Mogi, em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura, a primeira exibição reu-

niu estudantes de duas escolas particulares e uma pública, esta última, de moradores de Taiaçupeba - um lugar que tem relevância no documentário por ter abrigado a propriedade onde o pintor criou, ensinou, recebeu visitas ilustres e construiu uma obra natural que desperta interesse, mesmo no fundo de uma represa, o Jardim das Oito Virtudes.

A película com produção e consultoria de Gorgulho disputa o Prêmio Bandeira Paulista. O resultado sai no dia 1º de novembro.

Desconhecido

Da Cor e da Tinta desvenda o período da trajetória do artista, no Ocidente, pouco ou quase nada presente na farta documentação (livros, pesquisas, reportagens) existente na China, porém sem alcançar o recorte entre a década de 1950 (ele mora em Mendoza, na Argentina; em Mogi, durante quase 20 anos, e Califórnia, nos EUA) e 1983, quando Chang morre, em Taipei, Taiwan, sem jamais voltar a aterrar no solo pátrio.

Recomendo o filme que seguirá para festivais pelo mundo antes de chegar ao circuito comercial ou plataformas de streaming. O motivo: o que um olhar descreve é narrativa subjetiva.

Da Cor e da Tinta tem sucesso ao entrelaçar a gênese

do trabalho narrado em primeira voz por Weimin, que é encontrada por Guilherme Gorgulho, em 2015, em meio à grande busca por informações sobre o pintor empreendida pelo jornalista, o desenvolvimento do projeto (praticamente sem patrocínio financeiro) e a sequência de depoimentos de entrevistados descobertos pelos dois.

Instiga a tentar saber o que pensava Chang. Nostalgias, silêncios, voz embargada, olhares de familiares e conhecidos do pintor - entre eles, Nobolo Mori, Chico Ornellas, o nosso artista naif, Nerival Rodrigues, moradores de Taiaçupeba e ex-alunos - alguns deles, inclusive, presentes na première no Vasques -, além de professores de História da Arte e outros moradores do Brasil, Estados Unidos, França, Alemanha, Japão e China.

O terreno mundial percorrido por Weimin é de fôlego. Ela foi atrás das pegadas deixadas por Chang e juntou falas e percepções ao mesmo tempo, históricas, comoventes e interessantes sobre ele.

A reunião das pessoas que conheceram Chang ajuda a entender como o primeiro artista chinês que expôs no ocidente impactou e foi impactado pelo desterro. Mais: demonstra como ele, com a ajuda de amigos, soube promover o próprio nome em terra estrangeira.

Também costura a visão poética do artista que pintava, escrevia e era calígrafo, por meio de frases, poemas, selos e parte de uma entrevista com ele próprio, já idoso, falando sobre a arte.

A busca de Chang pela "Fonte da Flor do Pessegueiro", signo da utopia no mundo oriental, como Weimin explica em entrevista nesta página (ao lado), norteia os passos do artista enquanto viajava pelo mundo e se tornava o pioneiro da China a ocupar museus da Europa e conhecer artistas como Pablo Picasso.

A vida fluiu sem que Chang se deixasse influenciar pelo "outro" e "novo" mundo. Porém, ele informava aos seus, em cartas endereçadas a irmãos, sobre a projeção artística em mostras e na imprensa ocidental.

Neste relicário de memórias, a cineasta pesca a dor da ausência e distância e também como Chang aliviava isso. Por exemplo, mandando notícias e mimos a quem seguia sob o rigor do novo regime chinês como torrões de açúcar e amendoins.

Chang se "deixou ir" como lição e filosofia captada por um de seus filhos, sem corroer raiz. Não falou outra língua, nem abandonou hábitos e costumes (gostava de reverências tradicionais como as feitas a ele por suas filhas e netas, manteve a barba longa, o vestuário antigo, o andar em séquito nas viagens e no cotidiano rodeado de familiares, aprendizes e trabalhadores nas visitas entre Taiaçupeba e Mogi, lembrada por moradores da região central entre os anos 1960-1970).

Weimin conduz o público a conhecer as transformações impressas na produção artística por meio da inclusão de novas técnicas, expressões, formas e cores. A coleção deste período exprime a vivência do autor valorizadíssimo em leilões com preço de telas milionário, batendo recorde sobre nomes como o do próprio amigo, Picasso.

Para Mogi

Na última segunda-feira, após a exibição no Vasques, Weimin, Gorgulho e personagens do filme conversaram com o público.

A cineasta demonstrou honrada gratidão a Mogi das Cruzes pelo acolhimento nas visitas feitas para contar essa história.

Emocionada, afirmou que o filme é um presente para Mogi das Cruzes, e disse esperar que, a partir dele e de outras obras, que se sabe, estão em andamento, mais pessoas conheçam o pintor. Ela acena que devem surgir registros sobre a personalidade "controversa e incompreendida".

E se colocou à disposição para vir mais vezes à cidade para a difusão da obra e importância do pintor, ao integrar com o vereador Mauro Yokoyama, sobre o futuro das ruínas do Jardim das Oito Virtudes que recebeu, neste mês, outro presente: a escultura do Chang feita pelo artista Fabiano Rodrigues.

Aqui, rebobinamos. Voltamos à serendipidade. Chang escolheu Mogi. Aqui passou quase de dois terços da vida. Deixou o Brasil desgostoso porque sua terra, seu jardim, seria inundado pelas águas após decisão do governo do Estado, sem pedir licença e o que seria perdido. A matéria-prima (o filme, outras obras) está à mão para Mogi honrar esse morador. Não só esse. Famílias inteiras de Taiaçupeba foram desterradas daquele chão.

VOTO DO PÚBLICO

'Da Cor e da Tinta' está entre os 13 melhores na eleição popular

Na quinta (26), a Mostra Internacional de Cinema de SP divulgou que o filme de Weimin Zhang está entre os finalistas escolhidos pelo público e que poderá ser premiado ao final do evento.



CHANG UNIU DOIS MUNDOS, O OCIDENTE E ORIENTE, UMA PONTE POSSÍVEL, NA OPINIÃO DE WEIMIN

Weimin Zhang e equipe de produtores permaneceram na casa do artista Fabiano Rodrigues, em Taiaçupeba, segunda e terça-feira últimas. Ela já voltou para casa, nos Estados Unidos, onde acompanha a performance do filme na Mostra de Cinema de SP. Ao lado da escultura de Chang Dai-chien instalada em um dos resquícios do Jardim das Oito Virtudes, ela fez uma homenagem emblemática: exibiu ali, em meio às águas que cobrem o registro da passagem pelo pintor no Brasil, o filme 'Da Cor e da Tinta'. Ali também filmou o nascer o sol.

A cineasta não encerra a jornada com a entrega do filme, como revela em exclusiva entrevista concedida a **O Diário**:

Qual é a sua percepção após a estreia, no Brasil, do filme 'Da Cor e da Tinta'?

A exibição de 'Da Cor e da Tinta' no Brasil foi a primeira exibição pública em todo o mundo. Isso teve um grande significado para mim, para este filme e para Chang Dai-chien. No início, eu não sabia o que esperar. Na verdade, eu estava um pouco nervosa. Eu simplesmente esperava que o público brasileiro pudesse entender esse filme. A primeira exibição foi no Reserva Cultural, em São Paulo, às 20h50, do dia 20 de outubro. Antes mesmo do filme chegar ao fim, os aplausos avassaladores subiram e duraram muito tempo. Fiquei profundamente emocionada. Naquele momento, percebi que não só o público brasileiro entendia o filme, mas também estava emocionalmente conectado e emocionado com ele. O filme foi muito bem recebido, e recebi muitos elogios gratiosos do público, de São Paulo a Mogi das Cruzes, e depois na Universidade de Campinas.

Quão importante é esta história ser contada agora, 40 anos após a morte de Chang Dai-chien, e num tempo em que as relações entre o Ocidente e o Oriente ainda são marcadas pela falta de conhecimento entre culturas estrangeiras?

É especialmente importante compartilhar a mensagem deste filme com um público global. Chang Dai-chien passou quase 20 anos morando em Mogi das Cruzes. Ele escolheu viver ali e construiu um jardim oriental, o "Jardim das Oito Virtudes", simbolizando um paraíso na terra porque acreditava que poderia encontrar harmonia e paz em qualquer lugar do mundo. Chang Dai-chien acreditava profundamente na antiga filosofia chinesa, onde os seres humanos e o céu estão interligados como um só. Não deve haver uma divisão entre o Oriente e Ocidente. Ele colocou essa ideia em prática vivendo em Mogi das Cruzes e construiu sua Fonte da Flor de Pessegueiro (a versão oriental da Utopia), e através de sua arte, que integrava perfeitamente estilos e técnicas ocidentais e orientais. A mensagem universal de Chang Dai-chien é ainda mais relevante no mundo de hoje, onde ainda há guerras, conflitos e divisões. Hoje há uma lacuna significativa entre o Oriente e Ocidente. Mas através de sua vida e arte, Chang Dai-chien tinha o poder de unir esses dois mundos. Então, por que não podemos? Quais são os obstáculos e como podemos construir uma ponte entre o Oriente e Ocidente, assim como ele fez? Essa é a mensagem dele. Quarenta anos após a morte de Chang gostaria de compartilhar este filme com o mundo como um lembrete para não deixá-lo desaparecer, cair no esquecimento.

No mundo, o número de mulheres à frente de filmes é pequeno. Gostaria que você falasse sobre a importância de mais mulheres contando histórias adormecidas, como a vida de Chang fora da China, e que demorou tanto para ser contada.

Como muitas profissões na área, o cinema tem sido tradicionalmente uma sociedade dominada por homens. As cineastas geralmente possuem um forte senso e sensibilidade para descobrir e contar histórias das profundezas das emoções humanas, muitas vezes com um nível profundo de envolvimento emocional e pessoal, que está no centro da arte e do cinema. É crucial ver o mundo não apenas da perspectiva de um homem, mas também da perspectiva de uma mulher.

O que mais chamou sua atenção na estreia do filme no Brasil?

O Brasil é a segunda casa da jornada de exílio de Chang Dai-chien no Ocidente. A Mostra Internacional de Cinema de São Paulo é o maior festival de cinema do Brasil. Apresentar este filme ao público brasileiro teve um grande significado. A estreia no Brasil foi o cenário perfeito. Serviu como uma homenagem ao legado de Chang no Brasil, e acredito que será levado adiante pelas gerações futuras. Eu aprecio profundamente a resposta sincera e as conexões emocionais que este filme forjou com o público até agora. Gostaria de expressar minha gratidão ao comitê de jurados da Mostra por selecionar este filme e compartilhá-lo com o público brasileiro de maneira tão profunda.

Quais são seus próximos projetos? Ainda há material a ser usado sobre Chang, por exemplo?

Nos últimos 12 anos, colecionei e filmei mais de 200 horas de filmagens junto com toneladas de materiais de áudio visual. É minha esperança criar um arquivo sobre Chang Dai-chien para preservar esses preciosos materiais históricos da viagem de Chang ao exterior, garantindo que eles nunca mais sejam perdidos. (E.J.)



"Gostaria de compartilhar esse filme com o mundo como um lembrete para não deixar Chang Dai-chien cair no esquecimento"

GARIMPO A cineasta Weimin Zhang visitou Mogi buscando o passado de Chang